

A Primavera da Natureza



AGENDA

Junho	21		Solstício de Verão: 5h24.
	24		Lua Nova. Marés vivas.
Julho	1		Nascimento: 06h16. Ocaso: 20h55.
	1		Quarto Crescente. Marés mortas.
	9		Lua Cheia. Marés vivas.
	16		Quarto Minguante. Marés mortas.
	23		Lua Nova. Marés vivas.
	28		Dia Nacional da Conservação da Natureza.
	30		Quarto Crescente. Marés mortas.
Agosto	1		Nascimento: 06h37. Ocaso: 20h39.
	7		Lua Cheia. Marés vivas.
	7		Eclipse parcial da Lua (19h21).
	9		Dia Internacional dos Povos Indígenas.
	12		Chuva de meteoros (Perseidas).
	15		Quarto Minguante. Marés mortas.
	21		Eclipse parcial do Sol (16h47).
	21		Lua Nova. Marés vivas.
	26		Noite Europeia dos Morcegos.
	29		Quarto Crescente. Marés mortas.
Setembro	1		Nascimento: 07h03. Ocaso: 20h00.
	6		Lua Cheia. Marés vivas.
	13		Quarto Minguante. Marés mortas.
	16		Dia Mundial de Preservação da Camada de Ozono.
	16-17		Fim-de-semana Mundial de Limpeza da Terra.
	20		Lua Nova. Marés vivas.
	22		Equinócio do Outono: 21h02.

BALEIA NARIGUDA GRANDE ADEPTA DE SARDINHADAS

Proibida definitivamente em Portugal a partir de 1987, e apesar do que muita gente pensa, a caça às baleias continua hoje a ser uma realidade em vários países supostamente mais “evoluídos” como é o caso do Japão, Noruega e Islândia. Uma das espécies mais atacada é a baleia-anã (*Balaenoptera acutorostrata*), cujos adultos não ultrapassam 10 metros de comprimento e 10 toneladas de peso. O corpo apresenta uma tonalidade cinzento-escura dorsalmente e esbranquiçada ventralmente, com a cabeça muito pontiaguda e as barbatanas peitorais mais parecendo asas, com



uma característica mancha branca mediana. Esta espécie é observada com frequência nas nossas águas, sobretudo durante o Verão, surgindo mesmo em zonas perto da costa. Ao contrário de outras baleias “de barbas” (em vez de dentes, como nos cachalotes), mais amantes de caldeiradas de invertebrados (krill), a baleia-anã caça essencialmente peixes como a sardinha, o que talvez explique os acidentes relativamente comuns com artes de pesca. É um cetáceo que pode chegar a ter uma vida sexagenária, reproduzindo-se a partir dos 7 anos e dando à luz uma cria após 10 meses de gravidez.

Apesar da abundância de flores hermafroditas em cada planta, a fecundação cruzada, por pólen transportado por abelhas e borboletas vindas de plantas vizinhas, é aqui a regra. A razão para tal, passa pela existência de 3 variedades da planta com diferentes disposições das partes reprodutoras femininas e masculinas, cada tipo de flor podendo apenas ser fecundado por uma flor de outro tipo presente noutra planta. Em medicina natural, a salgueirinha é usada como remédio para combater diarreias, candidíase e hemorróidas. O nome genérico, de origem grega (*lythron* = sangue impuro), ter-lhe-á sido atribuído por um médico que usava a planta para estancar as feridas de soldados em batalha. O pigmento das flores é também utilizado em confeitaria como corante vermelho. Os diferentes usos da salgueirinha estarão na base da sua introdução, a partir do século XIX, na América e Austrália onde é considerada uma planta invasora.

PÂNTANOS ESTIVAS CÔR DE SANGUE

A salgueirinha (*Lythrum salicaria*) é um símbolo do Verão nas zonas húmidas de água doce, marcado pelas suas vistosas espigas de flores vermelhas-arroxeadas dispostas na extremidade de caules por vezes com mais de metro e meio de altura, cobertos de pêlos e com folhas semelhantes às dos salgueiros. Apesar da abundância de flores hermafroditas em cada planta, a fecundação cruzada, por pólen transportado por abelhas e borboletas vindas de plantas vizinhas, é aqui a regra. A razão para tal, passa pela existência de 3 variedades da planta com diferentes disposições das partes reprodutoras femininas e masculinas, cada tipo de flor podendo apenas ser fecundado por uma flor de outro tipo presente noutra planta. Em medicina natural, a salgueirinha é usada como remédio para combater diarreias, candidíase e hemorróidas. O nome genérico, de origem grega (*lythron* = sangue impuro), ter-lhe-á sido atribuído por um médico que usava a planta para estancar as feridas de soldados em batalha. O pigmento das flores é também utilizado em confeitaria como corante vermelho. Os diferentes usos da salgueirinha estarão na base da sua introdução, a partir do século XIX, na América e Austrália onde é considerada uma planta invasora.



LARANJAS E LIMÕES SALGADOS AO NATURAL

A laranja-do-mar (*Tethya aurantium*) e o limão-do-mar (*Tethya citrina*) são duas esponjas que habitam zonas rochosas entre marés ou a maior profundidade, sendo por vezes ainda consideradas como simples variedades da mesma espécie. Para além de outras diferenças menos visíveis, a primeira espécie caracteriza-se pelo seu maior tamanho (1 a 4,6 cm) e pela cor vermelha-alaranjada, enquanto a segunda é mais pequena (0,5 a 2,6 cm), de cor amarela ou esverdeada.



Ambas apresentam uma forma mais ou menos arredondada, de superfície verrugosa e com uma abertura (óstulo) geralmente bem visível no centro da superfície superior, através da qual a esponja expele a água que inalou por diversos poros espalhados pelo resto do corpo, as células internas, pelo caminho, conseguindo absorver as micropartículas orgânicas em suspensão de que se alimenta. No Verão, estes animais hermafroditas podem reproduzir-se sexuadamente, produzindo larvas de vida livre que, mais tarde, se fixam ao substrato transformando-se em pequenas esponjas. No entanto, a forma de reprodução mais comum é a assexuada, surgindo à superfície do corpo inúmeros tubérculos pedunculados que acabam por se destacar da esponja-mãe.

LAGARTIXA MÃOS DE TESOURA

Talvez por ser tão veloz quando foge, pouco se sabe por onde anda a bela lagartixa-de-dedos-espinhosos (*Acanthodactylus erythrurus*). No Algarve é apenas considerada como provável habitante de dunas e pinhais arenosos litorais da Ria Formosa, bem como em zonas secas e pedregosas do Baixo Guadiana. De corpo pequeno (cerca de 8 cm) mas com cauda cerca de duas vezes mais longa, este sáurio apresenta o dorso com listas brancas intercaladas por outras manchadas de castanho e negro, por vezes inteiramente escuras, sendo os juvenis prontamente identificáveis pela cauda avermelhada, cor que também surge em partes do corpo das fêmeas em cio. Os dedos das patas, sobretudo as posteriores, são muito longos e cobertos de escamas espinhosas, o que facilita a locomoção em terrenos arenosos. Formigas, escaravelhos, gafanhotos e aranhas, salteados com algumas ervas, constituem a dieta mediterrânica desta espécie endémica ibero-magrebina. Após o período de acasalamento primaveril, as fêmeas depositam 2 a 8 ovos a partir de Junho, iniciando-se os nascimentos em Agosto.



UMA VIDA INTEIRA QUASE SEMPRE EM PLENO VOO



Dá mesmo para acreditar que uma pequena ave possa passar mais de seis meses a voar, sem pousar uma única vez, alimentando-se de insectos, bebendo água e até dormindo em plena atmosfera? Impossível? Mas é justamente isso que acontece com o andorinhão-real (*Tachymarptis melba*) que, por esta altura, reside no Algarve, após a extensa migração anual que o levou a passar a época fria no sul de África. Agora, até pode ser visto com as garras a trepar em volta de pequenas cavidades de arribas litorais, escarpas montanhosas e edifícios arruinados aonde os casais regressam ano após ano para nidificar, depositando dois a quatro ovos brancos num ninho em forma de taça, feito de penas, restos vegetais e musgos colados com saliva. A incubação, que dura entre 3 a 5 semanas, é feita por ambos os progenitores, mantendo-se as crias no ninho por mais 6 a 10 semanas. Esta espécie distingue-se bem dos restantes quatro andorinhões que também neste momento por cá andam, devido ao seu maior tamanho (mais de meio metro de envergadura de asas), pela garganta e ventre brancos e pelo seu voo mais poderoso.

ANCHOVAS, ANCHOVETAS E ANCHOVINHAS

Anchova é um bom exemplo de como a designação comum dos peixes pode trazer grandes confusões. Oficialmente, este termo diz respeito a uma espécie de peixe predador voraz e de grande tamanho (*Pomatomus saltatrix*), mas muita gente chama também anchova ao biqueirão, até porque, em conserva, essa designação é autorizada. Ao contrário da verdadeira anchova, o biqueirão (*Engraulis encrasicolus*) é um pequeno peixe que raramente ultrapassa 20 cm de comprimento, alimentando-se unicamente de crustáceos e outros organismos planctónicos. De cor azul-esverdeada no dorso e prateada inferiormente, caracteriza-se pelo focinho proeminente que coloca a boca em posição inferior. Vive em cardumes junto à costa, podendo penetrar em estuários, sobretudo na época de reprodução estival, altura em que as fêmeas libertam durante a noite cerca de 15 mil ovos, os quais, 1 a 3 dias depois, darão origem às larvas. Grande parte dos biqueirões capturados em Portugal seguem de imediato para Espanha, sobretudo na Andaluzia, onde este peixe (também aí designado por boquerón ou anchoa) constitui um petisco muito popular, seja em conserva, panado ou marinado em vinagre.



VERDES BOLAS BACTERIANAS COM GELATINA



Aparecendo com frequência no Verão sobre rochas na zona superior entre marés, tudo levaria a crer que se trata de uma simples alga verde, mas a calotrix (*Calothrix crustacea*) é, na verdade, uma colónia de bactérias, mais concretamente de cianobactérias, também chamadas incorrectamente algas-azuis. As células microscópicas, ricas em pigmentos fotossintéticos (clorofila e ficocianina), dispõem-se em filamentos que, por sua vez, se agrupam, em torno de um núcleo central e rodeados por uma substância gelatinosa, sob a forma de crostas ou massas bolbosas verdes mais ou menos escuras, com 1 a 2 cm de diâmetro. Cada filamento encontra-se rodeado por uma bainha amarelada e possui células basais (heterocistos) especializadas em fixar o azoto atmosférico, tal como acontece com muitas bactérias do solo. A reprodução faz-se geralmente através da libertação de células terminais dos filamentos que acabam por ser arrastadas pela água, originando novas colónias. Em condições desfavoráveis, podem formar-se esporos de resistência (acinetos) que aguardam no substrato até a situação melhorar, altura em que se dividem, produzindo novos filamentos. Investigações recentes demonstraram a presença nestas cianobactérias de substâncias anti-bacterianas e anti-cancerosas.

Bibliografia: ✓ www.flora-on.pt. ✓ Kubala, S. et al. (2016) "Oranges de mer" (<http://doris.ffessm.fr>). ✓ Almeida, N.F. et al. (2001) "Anfíbios e Répteis de Portugal" (FAPAS). ✓ Gour, J. (2009) "Alpine Swift" (<http://animaldiversity.org>). ✓ Gonçalves, J. et al. (2013) "Biodiversidade do Estuário do Rio Arade" (CCMAR/MundoGobius). ✓ Whitton, B.A. (2012) "Ecology of Cyanobacteria II: Their Diversity in Space and Time" Springer. ✓ Wikipedia. **Ilustrações:** ✓ Baleia-anã - US-NOAA. ✓ Salgueirinha - Christian Fischer (Creative Commons). ✓ Laranja-do-mar - Ed Bierman (Creative Commons). ✓ Lagartixa-de-dedos-espinhosos - Benny Trapp (Creative Commons). ✓ Andorinhão-real - Pau Artigas (Flickr/Creative Commons). ✓ Biqueirão - <https://ec.europa.eu/fisheries>. ✓ Falso-vespão - Siga (Creative Commons). ✓ Calotrix - <https://actanaturalisscientia.blogspot.pt>.

Textos e ilustrações restantes: Associação Almargem.

FALSO VESPÃO VEGANO

Será que o veganismo conquistou umas quantas vespas que andam agora sempre por aí agarradas às flores? Nem por isso, pois nem sempre as vespas são estritamente carnívoras e nem sempre se trata de vespas. É o caso do falso-vespão (*Milesia craboniformis*), uma mosca sirfídea que as leis da natureza apetrecharam de uma roupagem muito parecida com o vespão (*Vespa crabro*), predador de outras vespas, abelhas, lagartas e gafanhotos. Para além do único par de asas e das antenas muito curtas, a distinção pode ser feita pelo tamanho um pouco menor (1,5 a 2,5 cm) e, obviamente, pelas peças bucais em forma de tromba esponjosa, adaptadas a absorver néctar e pólen. Os adultos podem ser observados voando em sobreirais e azinhais, enquanto as larvas acabam depois por se desenvolver entre madeira apodrecida e cavidades dos troncos.

